



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA  
CAMPUS JORGE AMADO  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS – IHAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS– PPGER**

**FRANCISCO CRUZ DO NASCIMENTO  
(MAGONLEJI)**

**A PEDAGOGIA DE TERREIRO NA LUTA POR DIREITOS**

ITABUNA

2019

**FRANCISCO CRUZ DO NASCIMENTO**  
**(MAGONLEJI)**

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico Raciais.

Linha de Pesquisa: Relações étnicoraciais, interculturalidades e processos de ensino aprendizagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Cristina Santos Peixoto.

ITABUNA

2019

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)**  
**Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

N244p Nascimento, Francisco Cruz do, 1958-

A pedagogia de terreiro na luta por direitos / Francisco Cruz do Nascimento. – Itabuna: UFSB, 2019. -  
44f.

Memorial (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais, 2019.

Orientador: Dra. Ana Cristina S. Peixoto

1. Racismo – Aspectos religiosos – Cultos afro-brasileiros. 2. Racismo na educação - Bahia. 3. Multiculturalismo. 4. Movimentos sociais. I. Título.

CDD – 370.117  
CDU – 376

FRANCISCO CRUZ DO NASCIMENTO  
(MAGONLEJI)

A PEDAGOGIA DE TERREIRO NA LUTA POR DIREITOS

Data da Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Santos Peixoto  
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cynthia Barra  
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Priscila Gomes Dornelles  
Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) examinadora

**DEDICATÓRIA**

Aos meus pais in memoriam: Luiza Cruz do Nascimento e Silvano Francisco do Nascimento, por nunca terem desistido da luta comunitária como expressão do coletivo das nossas raízes, na ancestralidade negra.

## AGRADECIMENTOS

A Nzazi, por ter me conduzido na justiça ao longo da minha existência; a professora Cecília Pereira da Silva, minha esposa e companheira no enfrentamento de todas adversidades; a Diretora do NTE 06, Professora Flordolina Angélica Andrade, por ter entendido a dilatação do tempo como espaço de ampliação da luta na educação pública do Baixo Sul da Bahia; a professora Josélia Maria dos Santos, uma companheira fiel nas revisões textuais e na aplicação da diversidade pela educação; as minhas irmãs e irmãos da família Nascimento, por me manterem ativo na responsabilidade de educar pela cultura; ao meu irmão Adilson Hermes, pelas orientações acadêmicas e estímulo na caminhada; aos irmãos, irmãs, taatas, tatetus e mametus do Terreiro Caxuté, por toda dedicação, respeito e troca de energias no processo de construção do vídeo-documentário; a minha Mametu Kafurengá, por toda orientação espiritual, acolhimento e orientação do meu mutuê; ao corpo docente do PPGER da UFSB: Rafael Siqueira, Cynthia Barra, Ana Cristina Peixoto, Célia Regina e Francismary Silva, por terem me provocado leituras e atizado a minha ousadia de pesquisador; colegas da primeira turma e da segunda turma do PPGER, que contribuíram diretamente com a minha formação e crescimento no Mestrado.

**Kitembo possa nos destinar ao convívio justo e igualitário, no respeito às diferenças e no acolhimento aos nossos parentes indígenas. (Magonleji, 2019)**

RESUMO

A Pedagogia de Terreiro na luta por direitos é uma pesquisa-ação que deseja dar visibilidade a educação transgressora de cunho político social sedimentando os seus conceitos na episteme Bantu/indígena, no Terreiro/escola Caxuté. O produto final é um vídeo-documentário nascido de entrevistas com as atrizes e atores do processo educacional do Terreiro Caxuté. São pessoas simples que não precisam de linguagens sofisticadas para dizerem o que sentem, o que sabem, o que pensam e o que desejam: direitos.

O Terreiro Caxuté está localizado no Distrito de Cajaíba, zona rural do município de Valença, Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, palco da luta contra hegemônica e da resistência negra, na história de lutas por direitos dos povos e das comunidades tradicionais. É na escola não formal Caxuté que os enfrentamentos aos opressores ganham força na ancestralidade negra da educação antirracista e encontra caminhos para a aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Palavras-chaves: Pedagogia, luta, direitos, comunidades tradicionais e Terreiro Caxuté.

## **FIGURAS**

Figura 1 Mãe Bárbara de Cajaíba (Mametu Kafurengá do Caxuté) .....	10
Figura 2 Vista da comunidade de Pernambucoés .....	18
Figura 3 O chafariz da rua Tomaz Gonzaga.....	21
Figura 4 O Terreiro Caxuté.....	36
Figura 5 Formatura no Caxuté.....	38
Figura 6 Formatura no Caxuté coletivo de estudos.....	41

## SUMÁRIO

I -	Introdução.....	11
II -	Apresentação.....	13
III -	Histórias de uma vida negra.....	14
IV -	Os dias difíceis das décadas de setenta e oitenta.....	17
V -	As experiências profissionais.....	21
VI -	A família, os prêmios e os avanços na academia.....	25
VII -	A religiosidade.....	29
VIII -	Marcos de atuação.....	31
IX -	A militância negra.....	33
X -	O Terreiro Caxuté.....	36
XI -	Considerações finais.....	43
XII -	Referências.....	44

Figura 1



Mãe Bárbara de Cajaíba. Crédito: SEAFRO – Comunicação Negra.

...a essência do feminismo, como praticado e relatado, é a (re)definição da identidade da mulher: ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais; ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, frequentemente declarando, também, a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana... (CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.)

## I. Introdução

Por mais que pareça fácil escrever sobre nós mesmos, é no mergulho profundo ao passado da alma que encontramos dificuldades para escurecer o presente. Falar sobre a minha vida como se fosse a gênese de uma personagem inacabada, mesmo tendo alcançado os sessenta anos de maturidade, não é tarefa simples. Primeiro há um encontro doce e poético com a vida na infância ao lado da família e amigos, segundo me deparo com as ruas, praças, vizinhança e suas histórias, quase sempre entrelaçadas com as minhas andanças na comunidade do Pernambués.

Impossível é desvincular a minha trajetória de vida das principais referências, a minha mãe e o meu pai, a minha universidade viva.

O meu nado com olhar periférico me permite vislumbrar nuances, matizes e matrizes negras da minha formação, desde os primeiros passos, as brincadeiras de terreiro, o sentido do respeito a tudo e os modelos referenciais dos meus pais. O passo a passo do menino que corria livre pelas ruas sem pavimentação, até a formação profissional que me permitiu passar por diversas experiências inesquecíveis de sucesso e confrontamentos de realidades.

O Memorial de um professor da Educação Básica e a Militância Negra Bantu/Indígena descreve com fidedignidade as vivências transformadoras do menino preto, pobre, com origem na periferia de Salvador e suas trilhas construídas no Território de Identidade do Baixo-sul da Bahia e em algumas cidades brasileiras do Nordeste, Sudeste e da região Sul. Cada passo que dei me remete, ainda mais, as minhas origens. Eu não seria o mesmo se não tivesse passado pela escola comunitária que foi o Pernambués.

Buscar a compreensão dos corpos negros que tombam e os caminhos percorridos para a sobrevivência incerta numa sociedade que não reserva lugares de privilégios ou de direitos para pretos e pretas é uma luta cotidiana. Porque ser criança negra no Brasil e tornar-se adulto, com acesso a academia e inserção no mundo político-social, com direito a moradia digna e alimentação regular, é tornar-se sobrevivente de uma guerra perversa, excludente e racista, capaz de driblar a adolescência de muita violência e interrogações.

Eu e os poucos jovens da comunidade, nascidos no final dos anos cinquenta até o final dos anos sessenta, que alcançaram o ensino superior, formamos um pequeno grupo de sobreviventes diferenciados, por isso, assumimos o compromisso de retornar a nossa comunidade para dar oportunidades a outros jovens. Eu escolhi as vias do teatro político

comunitário, sempre engajado no movimento de teatro de rua. Essa é uma via de acesso a informações e formações afrocentradas.

O resultado dessa luta é percebido no aumento de jovens que alcançaram a universidade em meados dos anos noventa, a exemplo da minha família, formada por nove irmãos, onde quatro adentraram uma faculdade. |Entretanto, dos seis sobrinhos mais velhos, seis entraram na universidade e concluíram os seus cursos, apresentando uma nova premissa de oportunidades multiplicadas. Não que o caminho para o sucesso tenha que passar, obrigatoriamente, pela academia, mas é o grande diferencial que isso representa na vida da juventude negra.

Enfim, povoar a Academia por pretas e pretas, tão somente, não basta, precisamos de investidas políticas dirigidas a quebra do sistema opressor que revejam e reconheçam espaços de saberes tradicionais como aliados na construção de justiça, liberdade e igualdade na diferença.

## **II. Apresentação**

O que se segue nesse memorial é um relato fidedigno de um militante negro da periferia de Salvador que continua a sua vida profissional na educação do Baixo Sul da Bahia.

Nesse memorial as curvas dimensionam os tempos de paradas, reduzem a velocidade do ímpeto, mas são necessárias à compreensão de estágios que vão além do cronos, revelam maturidade e disposição, para seguir em passos mais lentos e possíveis a outras pessoas, irmãs e irmãos de caminhadas, possíveis aos povos e comunidades tradicionais Bantu-indígena do Nzo Caxuté, um Terreiro de Candomblé que aplica a diversidade na contemporaneidade, através das suas práticas religiosas sagradas e na utilização da Pedagogia de Terreiro em uma escola não formal.

Dessa forma, esse memorial sintetiza a história de uma vida negra voltada para a educação, o movimento negro e a implementação das políticas públicas advindas com a Lei 10.639/03 e 11.645/10.

### III. Histórias de uma vida negra

Nasci por opção e vontade própria, no dia 19 de dezembro do ano de 1958, no bairro de Pernambués, na Rua Thomaz Gonzaga, 479, o maior quilombo urbano de Salvador da Bahia. Filho dos mestres da Cultura Popular de Ternos de Reis da Bahia, Dona Luiza Cruz do Nascimento, uma costureira, contadora de histórias, que se tornou a minha universidade viva, permanecendo em minha vida até o dia 13 de janeiro de 2014, quando partiu para ressignificar a sua vida em outro plano e “Seu” Silvano Francisco do Nascimento, meu querido Velho Silva, um carpinteiro, marceneiro e polidor, um artista no trato com a madeira, artesanato e com a música. Meu pai não pode frequentar a escola formal para não ser convocado a servir no exército brasileiro e ser levado para a guerra, ele precisava trabalhar para ajudar a sua mãe no sustento da família. O Velho Silva nos deixou em 13 de dezembro de 2008.

A vida ao lado do meu pai foi de muitos ensinamentos, os ofícios de carpintaria, marcenaria, pedreiro e eletricitista vieram como uma grandeza do saber de um mestre que lidava com o trabalho no ensino da responsabilidade com a própria vida, mas sonhava em ver o filho crescer e se tornar um doutor.

As aulas de matemática vinham com os aprendizados de bitolas (medidas), no traço da massa para fazer blocos de cimento, levantar paredes, concretar vigas e colunas, era um exercício para a vida, desde os doze anos, eu e o meu irmão Geraldo, tínhamos o compromisso de produzir trezentos blocos de cimento por semana, eram sessenta por dia de segunda a sexta-feira. Papai nos ensinava que a renda da família poderia melhorar construindo casas para alugar, ele tinha uma visão boa de pequenos empreendimentos, mesmo assim, não descuidou do ensino da arte popular dos ternos de reis. Com a sua astúcia e destreza, construímos dez pequenas casas para aluguel, no fundo da casa principal, mas o destino da família era a preservação da Cultura Popular.

O Terno de Reis Rosa Menina, um Folgado Popular, fora fundado por meu pai, em 01/11/1945, no bairro de Brotas, em Salvador, era a Arte Tradicional de Ternos de Reis se afirmando negra, mesmo com origens históricas europeia, era uma marca de resistência cultural logo após a Segunda Guerra Mundial. O Terno Rosa Menina é a nossa introdução no mundo mágico de figurinos, alegorias, danças e músicas, aprendíamos tudo com papai e mainha. Dona Luíza Cruz do Nascimento, a velha Luíza, era a nossa professora de tabuadas, escritas no caderno de caligrafia, cópias de textos e ditados, nas folhas de papel de embrulhar pão. Dona Luíza foi a minha Universidade Viva, uma líder

comunitária que mobilizava todo o bairro de Pernambués, através da CUP – Comissão Unida de Pernambués, uma das Associações de Moradores mais atuantes e mais politizadas, fundada em 24/08/1965. Foi ali, no exercício da luta comunitária que aprendi a defender as causas coletivas, a me engajar na luta por justiça social e combater todo tipo de opressão. Com mainha conseguimos levar para a comunidade de Pernambués a pavimentação asfáltica, a água encanada, a luz elétrica, o transporte coletivo, o saneamento básico, escola pública da rede estadual e a melhoria habitacional para duzentas famílias carentes. Ela tinha consciência de que só conseguiríamos conquistar direitos se fosse pela luta de políticas públicas e união das associações de moradores atuantes na comunidade.

Na década de sessenta, tive a grata satisfação de aprender, ensaiar e me apresentar com as comédias cantadas, tudo ensinado por mainha e a minha tia Lourdes da Fonseca. Eram apresentações artística e culturais nas comunidades da periferia de Salvador e em diversas emissoras de rádio, na mesma cidade, essa foi a minha introdução ao mundo fantástico do teatro, onde a minha irmã Regina era a minha principal parceira nas apresentações. Os textos e músicas eram ensaiados diariamente, na sede do Terno Rosa Menina, que ficava no chamado barracão, bem no fundo da nossa residência. Na Rua Thomaz Gonzaga, o número 479, era muito visitado por crianças e adultos apreciadores de artes, ali, todos os domingos, o meu pai realizava o programa “O Guri Tem a Sua Vez”, era um show musical com crianças de todas as idades, sempre transmitidos pelo Serviço de Alto Falante ODEON. As famílias ouviam atentamente as apresentações e a plateia vibrava e torcia muito, tudo isso me encantava e me dava a certeza de que eu queria aquilo para a minha vida. Foi nesse espaço que se apresentaram os famosos, Gilberto Gil, Claudete Macedo, Osvaldo Nunes, Valdir Serrão (Big Ben) e tantos outros artistas renomados da Bahia.

O nosso barracão já abrigou circo, companhia de dança e tropa do exército, uma contradição tão grande, mas era uma ação do regime militar, após o Golpe de 1964. Foi nesse contexto militar que assisti a um dos fatos mais tristes da minha vida, ainda adolescente, vi uma guarnição do Exército Brasileiro invadir a nossa residência e levar o meu pai preso em um jeep verde, as lágrimas e a impotência de menino se confundiam com o sofrimento da minha mãe e da comunidade presente, porque ninguém tinha uma explicação para o fato. A nossa valia para a soltura do meu pai foi o correspondente Norte Americano Ralf Wadey, que residia em uma das nossas pequenas casas de aluguel e, imediatamente, passou uma mensagem de rádio para a embaixada americana, a

embaixada interviu na soltura imediata do meu Velho Silva, senão, ele sofreria as torturas daquele regime raivoso. Segundo o Sargento Raimundo, o rapto do meu pai tinha ocorrido em consequência de uma briga entre o meu irmão mais velho do primeiro casal, “Fulô” e o tal sargento. Nada nos convenceu, a nossa família permaneceu com essa mácula inexplicável e vil.

No final dos anos setenta, recebemos a atriz Jurema Penna, que criou laços de amizade com a minha mãe e me deu a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o teatro, nessa mesma época, os Professores da UFBA Nelson Araújo e Cid Teixeira fizeram amizade com os meus pais e ampliaram a visibilidade dos ternos de reis de Salvador, na Universidade Federal da Bahia, através de pesquisas acadêmicas, permanecendo essa relação até o final dos anos oitenta. No início dos anos noventa, a atriz Jurema Penna me oportunizou participar das oficinas de teatro realizadas na Fundação Gregório de Matos, isso fez uma grande diferença no meu desenvolvimento artístico profissional.

#### IV. Os dias difíceis da década de setenta e oitenta

Conviver com as dificuldades de uma comunidade de periferia, na cidade de Salvador, não é fácil! O bairro de Pernambués, com o maior índice de auto identidade da população negra de Salvador, sempre foi marcado pela força da luta comunitária e pelos conflitos da ocupação fundiária. Localizado em uma área cobiçada por grandes construtoras e incorporadoras, o Pernambués foi assediado desde a década de setenta, quando fora construída a Expor Bahia, nas proximidades do antigo Jóquei Clube. Em seguida, vieram a sede do Jornal A Tarde e o Shopping Iguatemi, a partir daí, deixou de ser Pernambués, para se tornar parte da Pituba e Caminho das Árvores. O nome de Pernambués não soava bem a especulação imobiliária, os seus desígnios foram traçados pelo preconceito e pela falta de políticas públicas sociais.

Os dias difíceis das décadas de setenta e oitenta foram marcados por muitas dores comunitárias: alguns amigos de infância se encaminharam para o mundo do tráfico; acompanhar a perseguição da Rádio Patrulha aos meninos pobres e pretos que brincavam nas ruas sem pavimentação; descobrir que a Delegacia de Jogos e Costumes perseguia o povo preto de Candomblé; dividir o pão que deveria alimentar três pessoas para suprir a fome de cinco; carregar água da fonte ou do chafariz no balde; carregar lenha da mata do exército brasileiro para o fogão de trempe; descobrir que o matagal onde as crianças do bairro de Pernambués brincavam, era chamada de área de desova, mas quando fora urbanizada, se transformou em área pertencente ao bairro nobre da Pituba; todos esses contrastes vividos na década de setenta eram motivadores de questionamentos e inquietações da minha adolescência.

Por muitas vezes, nós, jovens da comunidade periférica de Pernambués, nos reuníamos em pequenos grupos para discutir os nossos direitos e os preconceitos sofridos, com isso, nasceu o grupo jovem Novo Tempo, que se reunia nas noites de sábado, na sede provisória do Terno de Reis Rosa Menina, no bairro de Pernambués. Eram aproximadamente trinta jovens, todos incomodados com o preconceito social, o racismo e a falta de oportunidades para os jovens negros da comunidade. O racismo sofrido pela juventude negra do Pernambués era muito nítido dentro do recém-inaugurado Shopping Center Iguatemi, em 1975, lugar onde nós éramos escoraçados pelos seguranças, também negros, em sua maioria.

No ano de 1979, o nosso grupo de jovens começou a criar peças de teatro, coreografias de dança afro de rua e manifestos em forma de caminhadas, além do registro

e confecção em placas com os nomes das nossas ruas, becos e travessas. Na Rua Escritor Edson Carneiro, nasceu o Grupo de Jovens Polêmica Negra, que também discutia as questões do racismo e preconceitos enfrentados pela comunidade.

Figura 2



Vista do Pernambués, minha comunidade de origem. Créditos A Tarde UOL.

Ingressar na universidade era um sonho muito distante para jovens da periferia de Salvador, queríamos mesmo era concluir o Segundo Grau, para trabalhar e ajudar a família. As coisas foram mudando, mesmo jovens que viveram o horror da Ditadura Militar, criaram fôlego novo e desejaram ampliar o acesso ao conhecimento. A Universidade virou alvo de muitos de nós. Poucos alcançaram o objetivo. Chegar ao curso superior poderia significar a conquista de maior respeito perante a sociedade. Eu ficava me perguntando como o Exército Brasileiro conseguiu invadir a nossa residência, com uma tropa do Quartel do 19 BC, no ano de 1976. A justificativa apresentada foi instrução de guerra, quando cinquenta soldados ficaram amontoados no barracão, ao fundo da nossa residência. Isso durou dez dias intermináveis, a população incrédula e anestesiada, acreditava que estava colaborando com as forças militares brasileiras, em troca, ganhavam a “xepa” sobra dos alimentos não consumidos pelos soldados, no almoço. O comando da “instrução” era do Capitão Valport, passou. Entretanto, aquele entra e sai de homens armados, na nossa casa, não foi nada inspirador, nem confortável. Eu ficava pensando se fosse a casa de pessoas com curso superior, será que eles adentrariam daquela

forma? Uma indagação boba! Não esperei resposta, me apressei em fazer vestibular; primeiro foi na Universidade Estadual da Bahia no ano de 1982, passei em Nutrição e Dietética, mas não realizei matrícula, perdi a data do calendário e a vaga, em 1984 fiz o vestibular da Universidade Católica de Salvador para Artes, deu tudo certo, aprovado, ingressei no segundo semestre e com mais confiança pude atuar na luta comunitária por direitos.

Inspirado no movimento estudantil, onde colegas negros e negras se destacavam, investi no teatro de rua, porque o teatro universitário praticado no DA - Diretório de Artes da UCSal, já fazia intervenções na Avenida Carlos Gomes, em frente ao Instituto de Música. As manifestações contra o racismo e a luta estudantil por melhores condições de estudos para a escola pública sempre estiveram presentes em minha vida. Escrever peças de teatro deixou de ser um passatempo, virou a profissão de um Dramaturgo atento ao movimento de Teatro de Rua, ao Movimento Feminista, Direitos Humanos, Movimento Negro, causas LGBTQ+ com o Dr. Wilson Santos, da OAB Bahia e culturas tradicionais, no Movimento das Religiões de Matriz Africana em suas caminhadas do Engenho Velho ao Campo Grande.

As construções dramáticas do teatro comunitário me levaram a utilizar essa linguagem artística como forma de denúncia e luta contra todo tipo de opressão. Para tanto, muitas peças de teatro foram montadas pelo Grupo de Teatro Experimental da CUP – Comissão Unidade de Pernambuco, Grupo de Teatro Popular da Bahia, Grupo de Teatro Popular do SESI, Grupo de Teatro Postura Oposta; Grupo de Teatro Experimental Klassificados, Grupo Teatral VIVACENA, NEGRACIARTE DE TEATRO, entre diversos textos cedidos para grupos de outros Estados do Brasil.

Figura 3



O Chafariz da Rua Tomaz Gonzaga – Pernambués. Crédito: Blog Duque dos Banzos, Território fundado pelos quilombolas do Cabula.

## V. As experiências profissionais

Os meus primeiros passos como profissional foram dados no ano de 1973 aos quinze anos, quando atuei em diversas frentes de trabalho, exercendo a função de eletricista, na construção civil, outro lugar demarcado para pretos, isso me incomodava muito, receber ordens desafortunadas dos “patrões” opressores era uma indicação de subalternidade, por isso, resolvi me inscrever no CETEBA - Centro de Educação Técnica do Estado da Bahia, onde fiz o curso Técnico em Projetos Elétricos, retornei às frentes de trabalho em diversas cidades do interior baiano, atuando como projetista elétrico e eletricista, vi que as pessoas nos respeitavam mais e nos davam oportunidades de trabalho quando avançávamos nos estudos, e, eu queria mais, esse diferencial já era previsto nos conselhos vindos dos meus pais. No ano de 1980, fiz concurso para atuar como Técnico de Microfilmagem na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, no Centro Administrativo, fui aprovado e trabalhei até o início de 1981, quando fui selecionado para a mesma área na Mesbla, uma multinacional, onde permaneci até o final do mesmo ano. Em 1982, voltei a atuar como eletricista em Camaçari, mas fui convocado pela minha mãe para retornar a Salvador e começar um novo desafio no Serviço Público Estadual, dessa vez na Polícia Civil, no Arquivo Criminal do CEDEIP - Centro de Documentação Estatística e Informática Policial da Secretaria Estadual de Segurança Pública, onde permaneci até 1990. Durante todo esse período, nunca deixei a vida de ator e dramaturgo no teatro comunitário. Lembrei que para permanecer no curso de Educação Artística com Habilitação em Desenho, da Universidade Católica de Salvador, contei com o apoio do meu irmão Geraldo, que custeou todo o primeiro semestre com o pagamento das mensalidades, além da colaboração da minha amiga e colega de curso Marise Andrade, que comprava os meus instrumentos de desenho. Seria impossível esquecer e não reconhecer o apoio da Doutora Maria Célia Cruz Urpia, Assistente Social da LBA, que comprava os meus livros técnicos. Em 1989 fiz o concurso para Professor da Rede Pública Estadual e fui aprovado em primeiro lugar na SURED 1D, Superintendência Regional de Educação, fui convocado para atuar como professor de Desenho Técnico na ETENS - Escola Técnica Estadual Newton Sucupira, no bairro de Mussurunga I, onde criei o Grupo de Teatro Estudantil Postura Oposta, ao lado da Professora de Artes, Múrcia

Maria Ramos de Oliveira, com esse grupo montamos diversos espetáculos, o mais destacado foi um infantil, O Reino dos Bonecos e o Sapo Encantado, que foi gravado para televisão no ano de 1993, pela TVE. As minhas andanças com o teatro me levaram a apresentações por cidades do interior baiano e pelas capitais do Nordeste Brasileiro.

No ano de 1996, deixei a função de Professor de Desenho Técnico e Projetos na ETENS, para assumir a função de Assistente de Direção e Professor de Arte no ICEIA - Instituto Central de Educação Isaias Alves, localizado no bairro do Barbalho, no município de Salvador. No ICEIA, montei espetáculos de teatro com estudantes e professores. No ano de 1998, passei a atuar como vice-diretor e professor de Artes na EMAB - Escola Estadual Ministro Aliomar Baleeiro, no bairro de Pernambués; em 1999, fui removido para atuar como vice-diretor e professor de Artes, no CEUC - Colégio Estadual Úrsula Catharino, localizado no Politeama, Centro de Salvador, nessa Unidade Escolar criei o Grupo de Teatro Estudantil Farrapos Culturais e o Grupo de Teatro Experimental com Professores, onde montamos diversos trabalhos para enfrentamento ao racismo e os mais diversos preconceitos e discriminações. Realizamos parcerias com a OAB, Bahia, através do professor e advogado negro, Wilson Mandela e participamos de diversas sessões de combate ao racismo, nas Praças e nas assembleias da própria OAB, sessão Bahia, localizada na Praça da Piedade. Durante esses anos de atuação na educação e na cultura eu participei das lutas por melhorias e reconhecimento das atividades culturais, dos enfrentamentos ao racismo dentro das comunidades de periferia da capital baiana e luta pela manutenção de Artes como componente obrigatório da matriz curricular da educação básica.

No ano de 2006, deixei a cidade de Salvador para trabalhar e militar no Movimento Negro do Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, quando assumi a Direção do Colégio Estadual João Leonardo da Silva, no município de Valença, onde criamos os recitais de poesias libertárias com estudantes e professores. Em 2007, assumi a gestão do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, localizado no município de Valença, nessa Unidade Escolar revolucionamos o tradicional desfile do Sete de Setembro, quebrando os protocolos cívicos militares e introduzindo a Revolta de Búzios no desfile de rua elegendo a Mãe Bárbara de Cajaíba como Rainha de Valença. Foi uma verdadeira ocupação cultural do movimento negro, que se espalhou pelas ruas de uma cidade altamente conservadora. No mesmo ano, criamos o Grupo de Teatro VIVACENA, para denunciar o desmatamento e a devastação dos manguezais do litoral no Baixo Sul da

Bahia, o movimento se estendeu ao desfile do Dia Internacional do Teatro, realizado todos os anos no dia 27 de março na capital baiana.

“A História da Mulher que Comeu Caranguejo e Ficou Grávida” marcou a vida de pescadores e marisqueiras do Baixo Sul da Bahia, por retratar através do teatro, a cultura regional e a luta contra a violência sofrida por mulheres, de forma divertida e atenta para os cuidados ambientais, preservação dos manguezais, respeito a vida e aos direitos dos povos e comunidades tradicionais.

Em 2008, assumi a gestão do Colégio Estadual Casa Jovem II, localizado na Zona Rural de Igrapiúna, foi a minha introdução na Educação do Campo, tudo veio como um presente que me permitiria experimentar o contato com a Comunidade Quilombola da Laranjeira, liderada pelo Senhor Martinho Conceição, do qual me tornei amigo incondicional e contribuí com a revitalização da manifestação cultural popular da Dança da Zabelinha e do Enrolador através do grupo cultural quilombolas da Laranjeira, com apresentações realizadas no Conselho Estadual de Educação, em Salvador, no Centro de Cultura de Valença, no Cortejo da Consciência Negra de Salvador e de Itacaré e no Centro de Cultura de Igrapiúna.

A parceria com as comunidades Quilombolas da Laranjeira e Assentamento Feira do Rato ampliaram a visão de coletividade dos estudantes e de seus familiares, levando a escola a conquistar os Prêmios Nacionais: 2010 Referência Nacional em Gestão Escolar, pelo CONSED – Brasília, momento ímpar em que discuti as ações da militância negra na educação brasileira e norte americana, em Washington DC e Chapel Hill, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos; 2012, Prêmio Nacional Educar Para a Igualdade Racial, pelo CEERT – São Paulo e Escola Voluntária pela Fundação Itaú e Rede Bandeirantes – São Paulo.

O nosso projeto tratou do fortalecimento das relações comunitárias, utilizando o processo das leituras de poemas e construção de textos dramáticos, na escuta das histórias trazidas pelas comunidades que revelava as suas experiências pela oralidade. As contações de histórias do Griot quilombola Martinho Conceição, na Laranjeira, e, Dona Maria Santos, da comunidade assentada Feira do Rato, trouxeram vida para o Canto de Trabalho e Dança do Oiti, Canto da Tainha e Dança da Peneira, um estímulo para os encontros entre os estudantes do Colégio Estadual Casa Jovem II e as duas comunidades.

No ano de 2013, fui removido para o Colégio Estadual Paulo César da Nova Almeida, no município de Ibirapitanga, onde assumi a vice-direção e aulas de Arte, no diurno e noturno. Nessa Unidade Escolar, fortalecemos o movimento negro através da

luta de consciência política para combater as questões étnicoraciais e discutir gênero. Um trabalho inspirado na realidade do município que apresentava muitos casos de violências contra a mulher. Para inserir a participação de estudantes, professores e comunidade escolar, criamos o projeto Diálogos da Diversidade, que tomou conta de ruas e praças, realizando caminhadas de protestos, o que envolvia estudantes e professores da rede estadual, das escolas municipais e a juventude do Assentamento Paulo Jackson. O projeto conquistou o Prêmio Nacional Educar Para a Igualdade Racial e de Gênero – CEERT, São Paulo, no ano de 2014. Ainda em 2013, fui eleito membro do Setorial de Teatro da Bahia, onde contribuí com a elaboração do Primeiro Plano Estadual de Teatro do Estado da Bahia. No ano de 2015, fui eleito membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia permanecendo até novembro de 2018.

2015 foi um ano diferente e bastante proveitoso, no mês de junho, recebi o convite do NTE 06 - Núcleo Territorial de Educação de Valença para atuar na função de Coordenador Territorial de Educação, aceitei o convite e comecei a contribuir diretamente com o desenvolvimento pedagógico de vinte e sete escolas estaduais, distribuídas nos 15 municípios do Território de Identidade do Baixo Sul. Com essa atuação, consegui ampliar o acesso de jovens e adolescentes às Oficinas de Teatro Negro tendo como pauta o desenvolvimento de políticas voltadas para os direitos humanos, o combate ao racismo, a contextualização da vida comunitária nas escolas e as questões de gênero. Para a ação se tornar mais eficaz, envolvemos professores e membros da gestão escolar através das estratégias de palestras, debates e seminários, o que me rendeu o Título de Embaixador da Diversidade do Baixo Sul da Bahia. Atuei nesta função até o mês de julho do ano de 2017, após nomeação para o CEMIT - Centro de Ensino Médio Por Intermediação Tecnológica, assumi o cargo de vice-diretor atendendo dezesseis localidades campesinas de difícil acesso.

As relações interculturais foram se aguçando e produzindo em mim um desejo de contribuir com a formação política de professores e equipes gestoras, foi quando ampliamos o alcance do projeto Diálogos da Diversidade para ser aplicado em todo o território. Para tanto, realizamos parcerias com a UNEB - Campus XV e o IFBA Valença, onde cinco novos parceiros passaram a atuar nesse time, o que possibilitou alcançar em pouco tempo vinte e duas unidades de ensino. As palestras e os debates foram travados com muita paixão, ética, respeito a diversidade e escuta. Encerramos essa trajetória no final do ano de 2018, mas as sementes plantadas produziram reflexões importantes para a juventude, professores e comunidades.

## **VI. A família, os prêmios e os avanços na academia**

O primeiro prêmio da minha vida veio de forma muito natural, foi nascer em uma família unida e simples, nós éramos doze irmãos, Florentino, Silvano Filho, Conceição, Geraldo, Regina, Efigênia, João, Isabel, Ana Cristina, Gabriel e José Márcio. Ao longo da minha vida sempre tive os meus pais como principais referências, mesmo assim, constitui novos irmãos de luta, como Eraldo Souza Nascimento, Inácio da Silva Costa, Célia Urpia, Adilson Hermes, Ruy Braga, Mário Carteador, Ademário Reis Oliveira, Múrcia Maria Ramos de Oliveira, Elisete Nascimento, Marise Andrade, essas pessoas fizeram uma grande diferença em minha vida, foram elas que contribuíram diretamente para o norteamento e equilíbrio dos meus passos.

O acesso a Universidade, segundo a expectativa do percurso da juventude, chegou tardiamente, aos vinte e quatro anos de idade, foi quando adentrei a UCSAL, no ano de 1984, no curso de Educação Artística com Habilitação em Desenho. Foi uma grande alegria para pessoas amigas e familiares, um corre corre para organizar a documentação e levantar o dinheiro da matrícula. A minha mãe me abraçou fortemente e disse que me ter como universitário era um orgulho muito grande para a nossa família, porque o nosso bairro era formado por pessoas pobres e não eram todos os jovens que concluíam, sequer, o ensino fundamental. Inevitavelmente, eu chorei, derramei as lágrimas da responsabilidade que me acompanhava desde sempre, eu seria a porta de entrada para os outros irmãos e irmãs. O meu irmão Geraldo trabalhava como eletricitista e logo se comprometeu a pagar as mensalidades de todo um semestre, se não fosse isso, eu não teria cursado a Licenciatura Plena em Educação Artística, com Habilitação em Desenho. Geraldo não foi apenas o irmão que segurou as pontas financeiras do meu início de curso, ele sempre foi e será o melhor modelo de homem que eu tenho em minha vida.

A conclusão do curso superior se deu no ano de 1988, o Brasil celebrava cem anos de abolição e eu muito revoltado, politizado e militando no movimento negro comunitário, escrevi o poema Lágrima Negra, um desabafo de quem não tinha nada a comemorar:

“Aportaram as lágrimas,  
elas são as minhas eternas companheiras,  
são sobras de mágoas,

de duros castigos,  
 das tristes lembranças de um cativo,  
 não me acompanharam como as mulheres negras,  
 que me trouxeram saber,  
 nem me fizeram livre como a mata!  
 Aportaram as lágrimas como companheiras da mãe África,  
 tentando me fazer esquecer  
 o objeto em que fui transformado,  
 essas lágrimas desesperadas inundaram as minhas noites nuas,  
 me revelaram pesadelos hediondos,  
 mas não baniram as minhas dores!  
 Secaram as lágrimas  
 Num grito ilusório de liberdade,  
 (Era um treze de maio)  
 liberdade de um senhor,  
 liberdade de um cativo,  
 liberdade de um açoite...  
 liberdade de mim?  
 Estou livre das marcas deixadas pelo chicote?  
 E as novas correntes que me ancoram ao passado?  
 Chega!  
 Queremos um canto novo!  
 Abolindo a negritude da pele,  
 Um canto miscigenado?  
 Eclético, pacífico...  
 Que enxugue a lágrima negra  
 E deixe brotar em cada rosto  
 Um sorriso real!

O primeiro prêmio oficial, recebi aos dezesseis anos de idade, da Rádio Excelsior da Bahia, no ano de 1975, quando escrevi o poema “Eu Pensei em Você”, dedicado à minha mãe, Dona Luiza Cruz do Nascimento. Depois, recebi algumas menções honrosas, 1988 Prêmio Vitale de Literatura da UCSAL; 1992 Projeto Poesias da Cidade de Salvador; 1993 Teatro, Projeto Viver Escola SEC-TVE; 1997 Teatro de Rua, Salvador; 1998 Teatro Escola SEC – BA; 1999, Teatro de Rua no Projeto Pelourinho Dia e Noite;

2000, Klassificados, texto indicado ao Prêmio Copene de Teatro; 2002, Festival de Teatro de Camaçari; 2003 Selecionado no Projeto Arte na Escola, São Paulo; 2007 Textos de Teatro selecionado e publicado no Livro A Indústria Como Palco, O Teatro Socioeducativo, pelo SESI, Brasília, 2012; 2009/2010, Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar CONSED Brasília DF e RJ; 2012, Prêmio Nacional Educar para a Igualdade Racial CEERT SP; 2012, Prêmio Nacional Escola Voluntária ITAÚ/Rede Bandeirante; 2012 Prêmio Estadual Luiz Tarquínio, Case Uma Escola Premiada ABRH-BA; 2014, Prêmio Nacional Educar Para a Igualdade Racial e de Gênero CEERT São Paulo e em 2016 Título de Embaixador da Diversidade do Território do Baixo Sul da Bahia, NTE 06 - Núcleo Territorial de Educação de Valença – BA, pelo reconhecimento aos trabalhos desenvolvidos nas áreas de educação e cultura antirracistas.

As experiências acumuladas ao longo dos anos gritavam o acesso a Academia, então, veio o desafio da UNEB em parceria com a UFBA e o IAT, Especialização em Artes/Teatro, fiz a inscrição do projeto Teatro Comunitário, deu certo, o ano era 1998, concluída com estágio supervisionado. Tudo parecia muito distante da minha realidade, a linguagem, a escrita e as relações com a pesquisa, mas venci a hesitação, fui tranquilizado quando soube que o TCC seria um estágio supervisionado, em que o trabalho final era constituído por um espetáculo e um relatório. A experiência foi maravilhosa, no sorteio de cidades para estágio fui contemplado para Bom Jesus da Lapa, um cenário pitoresco e natural para eu desenvolver o meu projeto com quarenta educadores da região. Ao final do segundo ano, montei um espetáculo de rua pelas vias tradicionais dos romeiros em Bom Jesus, a peça “Que Santo é Aquele?” O espetáculo foi desenvolvido em forma de cortejo e os romeiros acreditaram se tratar de uma procissão, se agregaram ao cortejo e complementaram as cenas como se tivessem ensaiado com o grupo.

Logo em seguida, fui desafiado para ingressar em um Mestrado na UFBA, não aceitei, tive medo da principal barreira, a Língua Estrangeira, que sempre me trouxe insegurança, porque nunca dediquei nenhum tempo da minha vida para esse estudo. Ainda, no ano 2000, fui convidado pela Pró-reitoria para Assuntos Comunitários da UCSAL para dar aulas de Teatro nas turmas de sétimo e oitavo semestre do curso de Geografia, no Campus da Federação, aceitei e permaneci por dois anos, montamos o espetáculo Geografia da Fome, adaptação do livro de Josué de Castro. No ano de 2001, veio o convite da Escola de Nutrição da UFBA para seleção da equipe multiprofissional que atuaria no Projeto de Fortalecimento das Associações Comunitárias do Semiárido

Baiano, aceitei o novo desafio, depois de selecionado, lecionei em turmas de teatro no município de Tucano, montamos o espetáculo “A Peleja do Campo” com a juventude local, para falar dos seus problemas regionais trazidos pela seca e apontar soluções viáveis. Na oportunidade, realizamos um intercâmbio levando o grupo de teatro de Tucano para se apresentar em Salvador, no Teatro ACBEU e levamos o grupo de Teatro Experimental Klassificados, de Salvador, para se apresentar em Tucano.

Em 2017, a Especialização em Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais, na Universidade Federal da Bahia, Polo Itabuna, trouxe-me uma expectativa muito grande de superação da barreira que me afastava da academia, a Língua Estrangeira, nessa especialização não seria cobrada. Apresentei o meu projeto, que na verdade é um projeto da coletividade Bantu/Indígena, A Pedagogia do Terreiro na Luta por Direitos, tendo como produto final um vídeo-documentário. Essa experiência foi o meu grande trampolim para entrar no Mestrado Profissional do PPGER - Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnicoraciais, da UFSB, tudo concomitante, a Especialização e o Mestrado, coincidentemente, o Polo da UFBA em Itabuna e a Sede do Campus Jorge Amado da UFSB, também em Itabuna. Fiz a inscrição para o Mestrado e recebi apoio incondicional de Cecília Pereira da Silva, a minha esposa, Josélia Maria dos Santos e Flordolina Angélica Andrade, minhas amigas e colegas do NTE 06, da minha Mametu Kafurengá, dos meus Taatas Luangomina e Sobodê, ainda assim, tudo parecia tão distante de mim, da minha realidade comunitária, mas resolvi encarar de frente. Escrever o projeto, buscar referenciais teóricos, definir a linha de pensamento e a concepção do trabalho, além de tudo, esquecer que mais à frente seria cobrado o domínio de uma Língua Estrangeira, cobrança da qual só fui tranquilizado com a intervenção do Professor Rafael Siqueira que proporcionou aos mestrandos do Campus Jorge Amado a realização da prova de proficiência no próprio Campus, onde logrei êxito e permaneço muito agradecido. Acredito que o reconhecimento e o agradecimento ajudam a compor o senso de coletividade que existe nesse PPGER na UFSB.

## VII. A religiosidade

A minha formação religiosa começa na orientação dos meus pais, católicos e devotos de Santo Antônio e Nossa Senhora. Aos oito anos de idade fui matriculado no Catecismo da Paróquia de São José Operário, no bairro de Pernambués, seguia fielmente os encontros realizados nas tardes de sábado e acompanhava as missas das crianças, celebradas aos domingos, pela manhã. Entretanto, adorava ir ao candomblé de Dona Assunção, dias de quarta-feira a noite, eu era levado escondido pela minha irmã mais velha, Conceição. Ficávamos assistindo tudo da janela lateral, que dava para o quintal da nossa residência, era um fascínio incrível, mas os meus pais não podiam saber, era proibido para crianças frequentarem os terreiros, além do mais, eles eram católicos fervorosos, desses que rezavam o Ofício de Nossa Senhora e a Ladainha todos os sábados, à noite. Para completar, do dia primeiro de maio ao dia trinta e um, rezavam o mês de Maria, que emendava com a reza de Santo Antônio, São João e São Pedro, de primeiro a vinte e nove de junho.

Na Paróquia de São José, eu fui coroinha, líder de grupos de jovens, Apóstolo de Cristo e orientador dos novos coroinhas. Ali, o que mais me animava eram as peças de teatro, sempre organizadas pela Juventude Católica, eu me envolvia em tudo, inclusive nas apresentações da Via Sacra. O desenvolvimento da liderança no trabalho comunitário foi se ampliando, até que passei a atuar como ajudante de missas na importante Igreja de São Francisco de Assis, no Terreiro de Jesus, Centro Histórico da capital baiana. Na igreja católica, tudo era considerado avanço de patamar, eu me tornava mais responsável e tinha acesso a todo o complexo arquitetônico do Convento de São Francisco. Os meus pés não obedeceram a religiosidade Cristã do catolicismo, de vez em quando eu dava uma fugida para algum Terreiro, queria ver a chegada dos Orixás, achava tudo muito lindo, mas não ousava participar ativamente das festas. Era o toque do atabaque que me encantava, por diversas vezes fui aos Terreiros de Dona Assunção, Mãe Quiquinha, Mãe Lourdes e Casa Branca, entre outros. Aos dezoito anos, descobri que o meu pai tomava banho de folhas, orientado por Mãe Lourdes e, soube também, que quando a minha mãe adoeceu, ele a levava para ser tratada no Candomblé, essa descoberta me animou muito. Para completar, todos os sábados, o nosso serviço de Alto-falante tocava um LP de músicas do Candomblé, a seleção musical era feita por papai. Uma outra curiosidade é que ele vestia

branco todas as sextas-feiras, muito curioso e interessante também era ouvir papai cantar uma saudação a Iemanjá, chamada Alodê. Lembro-me da letra: “Senhora Dona das Águas, toma conta do seu filho que eu também já fui do mar, Alodê, Alodê, Iemanjá, Manjá...” Foram anos da minha vida na dúvida sobre o meu destino religioso. Da infância aos vinte e cinco anos, eu era totalmente dividido, até que aos vinte e cinco anos fui abordado sexualmente por um Padre, senti a minha privacidade invadida e a minha cristandade desmoronando. Aos vinte e oito anos passei por um problema muito sério, os Eguns<sup>1</sup> se apossavam do meu corpo. Foram dois anos muito difíceis. Para superar a presença dos Eguns, recebi ajuda do meu amigo, Benevides Tomás Nascimento (Filho de Oxóssi) e da minha irmã, Ana Cristina. Fui conduzido a uma Mãe de Santo, Dona Lourdes de Iansã, ela me orientou nos banhos e nas sacuruopembas (rezas), que afastaram os Eguns do meu corpo. Eles chegavam em momentos inesperados, me desorientavam nas rotas do trabalho para casa e chegaram a tentar me levar para o buraco (cova), mas com determinação e obediência consegui superar.

Conforme havia citado anteriormente, no ano de 2006, eu deixei a cidade de Salvador para atuar como gestor no Colégio Estadual João Leonardo da Silva, no município de Valença, essa mudança foi um verdadeiro chamado da luz azul que sempre aparecia nos meus sonhos.

### **VIII. Marcos de atuação**

Na cidade de Valença, Bahia, conheci a professora de História, Flordolina Angélica Andrade que, no ano de 2007, assumiu a Direção da DIREC 5 - Diretoria Regional de Educação. Esse encontro foi marcado por uma troca intensa de conhecimentos sobre a região do Baixo Sul.

2007, portanto, foi um ano marcado por mudanças significativas na política baiana, o Partido dos Trabalhadores com a eleição de Jaques Wagner assumiu o Governo do Estado da Bahia e sugeriu mudanças significativas nos desígnios da educação. Esse foi um ano marcado por um novo projeto de educação, focado na diversidade e na democracia, foi exatamente em 2007 que, sob a coordenação geral do professor Jocélio Teles dos Santos, estudos acadêmicos mapearam os Terreiros de Candomblé de Salvador, esse trabalho foi altamente significativo para o povo negro de santo, principalmente, por trazer a tona a cara preta da capital baiana, com a sua religiosidade e cultura.

A cidade de Valença, localizada no Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, passou a se preocupar com a visibilidade dos terreiros e seus adeptos. A minha gestão a frente do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, como já foi dito, foi marcada por uma quebra de protocolo no desfile cívico do Sete de Setembro, quando a minha equipe de trabalho e a comunidade aceitaram o desafio de colocar nas ruas da cidade, a Revolta de Búzios, elegendo Mãe Bárbara de Cajaíba como a rainha negra de Valença. O projeto ganhou as ruas e foi muito aplaudido por moradores e visitantes, com isso, a região se pôs a pensar em novos projetos inclusivos para as escolas da rede estadual de ensino.

2018 foi marcado pelo Prêmio Estadual Destaque Bahia, promovido pela CENPA - Coordenação Especial do Núcleos de Prevenção a AIDS, fui agraciado pelos trabalhos realizados desde a década de noventa com uma cerimônia linda e emocionante, realizada no Teatro Xisto Bahia da Biblioteca Central dos Barris, Salvador. No mesmo ano, recebi o convite para me tornar Conselheiro Educacional do CEERT, vindo da Dra. Cida Bento, Diretora Executiva do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, com sede em São Paulo. Aceitei, naturalmente, é uma grande honra pertencer a uma organização social civil tão respeitada e requisitada no Brasil. Pelo CEERT pude participar da Mesa Redonda no X Copene (Re) Existência Intelectual Negra e Ancestral,

como Palestrante da mesa redonda intitulada ""Eu não sabia que meus antepassados eram tão valorosos". Impactos, desafios e desdobramentos do "Prêmio Educar para a Igualdade Racial e de Gênero".", com o trabalho Educar para a Igualdade Racial, 12 a 17/10/2018.

Ainda em 2018, participei do IV Congresso Internacional de Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais onde apresentei trabalho acadêmico de 7 a 9/11/2018. Para completar a trajetória do menino preto do Pernambués, hoje, um senhor sessentão, tive trabalho aprovado no IV GRIOTS, Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas, com apresentação de trabalho (Re) Construção da Identidade através de encontros culturais, linguísticos e literários, A Pedagogia de Terreiro aplicada na Escola Caxuté, 19 a 21/11/2018, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal.

## **IX. A Militância Negra**

Militar no movimento negro é um aprendizado de luta contra todo tipo de subalternidade imposta pelos opressores. A história do nosso país foi forjada em cima de falsos pilares de igualdade e justiça, portanto, se reconhecer negro e atuar no combate ao racismo é uma decisão política, que envolve o reconhecimento identitário das minorias esquecidas pelos dominadores, que nos remete ao estado de direito e nos convoca a não aceitar a inferioridade, a invisibilidade e todo tipo de opressão.

Foi na busca pelo fortalecimento da minha identidade negra e na construção de coletivos empoderados que comecei a minha militância negra na comunidade do Pernambués com o Grupo Jovem Novo Tempo, na década de oitenta. A nossa luta era incansável, tínhamos como principal objetivo combater as ações racistas sofridas pela juventude negra do bairro de Pernambués. Ainda nos anos oitenta, fundamos Grupo de Teatro Jovem, mapeado pelo primeiro censo cultural da cidade de Salvador. No final dos anos oitenta, conheci o poeta e ator Deraldo Lima, da Galeria 13, no Pelourinho, que mudando de endereço passou para a rua da Independência, no Centro de Salvador. Com Deraldo aprendi o significado da resistência pela poesia, participei das rodas de poesia nos sábados ao fim da tarde. Era um verdadeiro encanto para mim, um estudante de Artes da UCSal, conhecendo a Arte por um dos principais Mestres da literatura baiana. O final da década de oitenta foi muito marcante para a minha formação artístico-política, conheci os Poetas da Praça da Piedade, Douglas Matos e Geraldo Maia, dois grandes Mestres da poesia baiana que me ensinaram, mais uma vez, que a resistência é uma construção coletiva.

No início dos anos noventa, criei o Grupo de Teatro Postura Oposta, na comunidade de Mussurunga I, formado por jovens estudantes da Escola Técnica Estadual Newton Sucupira. A militância negra estava, inevitavelmente, instalada nas nossas propostas cênicas, foram oito anos de luta e dedicação ao trabalho voltado para a Pedagogia de Projetos, dialogando com a comunidade de Mussurunga e Cajazeiras. O grupo montava espetáculos que discutia o lugar da juventude negra na sociedade baiana. Ao lado da CENPA, Coordenação Especial dos Núcleos de Prevenção a AIDS, foi outro momento de atuação no Movimento Negro, através de Palestras sobre DST – AIDS, para os Clubes de Mães e Associações de moradores nas comunidades da periferia de Salvador.

Nos anos 2000, a minha luta antirracista passava das escolas estaduais para o Teatro de Rua e Teatro Convencional. Neste ano, montamos o espetáculo *Klassificados*, que concorreu ao Troféu Copene, com dez apresentações no Teatro Caballeros de Santiago, no Rio Vermelho e Teatro Miguel Santana, no Pelourinho. Esse texto denunciava a falta de oportunidades de trabalho para os jovens negros que concluíam o curso superior, mas nunca encontravam vagas por falta de experiência. Para a Dra. Maria Aparecida Bento, Diretora Executiva do CEERT, em *Psicologia do Social do Racismo*:

“O preconceito racial é um fenômeno de grande complexidade. Por isso, costumo compara-lo a um grande iceberg cuja parte visível corresponderia as manifestações do preconceito, tais como, as práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos individuais e sociais.” (BENTO, Maria Aparecida, *Psicologia Social do Racismo*, prefácio, 2012)

A minha dedicação a linguagem do teatro foi sempre um grande mote para dar vez as vozes negras silenciadas na cidade de Salvador. No ano de 2006, com a minha mudança para a cidade de Valença, passei a olhar com maior atenção para as negras e negros que moravam no campo. Foi a partir desse novo lugar que compreendi a desigualdade como o mais alarmante fenômeno social nas pequenas cidades do interior baiano. Se para as negras da capital era muito difícil o acesso à universidade, para as negras camponesas, essa realidade era ainda mais dura, o acesso a academia era quase impossível. Com a chegada do Presidente Lula ao Planalto, muitas portas da incoerência foram “arrombadas” para o povo esquecido do campo ter, ao menos, o direito de sonhar. As cotas para quilombolas e estudantes de escolas públicas se tornaram o grande trampolim de oportunidades para a juventude negra do campo. Difícil era encontrar vozes ressonantes dessas políticas públicas porque elas incomodavam os privilegiados, aterrorizava os grandes latifundiários, colocava em risco a soberania dos opressores e dava um alento muito grande às pessoas simples do campo que, historicamente, tiveram os seus direitos negados.

O coletivo BSRCRI - Baixo Sul em Rede Contra o Racismo Institucional, pensado e articulado por mulheres negras empoderadas do Baixo sul da Bahia, me fez o convite para participação, aceitei imediatamente, sempre estive presente nos cortejos e protestos do 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e do Caribe. Atuar ao lado de um coletivo negro de mulheres foi a grande oportunidade para intensificar as lutas e debates contra o machismo, o sexismo e a misoginia. A partir dessa participação, voltei o meu olhar para as meninas negras dentro das escolas públicas, vítimas de assédios

e diversas violências institucionais. Passamos a discutir os currículos e a inserir esse debate nas rodas de conversas, do Projeto Diálogos com a Diversidade, que visitou os quinze municípios do Território de Identidade do Baixo Sul, entre 2015 e 2018.

Ser membro de um coletivo composto, em sua maioria, por mulheres, é uma oportunidade de novas aprendizagens, de compreensão do direito a fala de quem, quase sempre, é silenciada. Nenhum homem tem o direito de falar por mulheres, elas são protagonistas, são donas de vontade própria e sabem muito bem definir os seus traçados de vida. Homens que silenciam mulheres exercem o machismo e o sexismo nas relações, porque se sentem superiores, mais fortes, mais pensantes e acreditam no mito de que mulheres não devem ocupar os espaços, historicamente, reservados aos homens. O nosso território está cheio de heteronormatividades, postura de pessoas que ocupam posições privilegiadas de poder, são esses homens que decidem se os registros de crimes contra a mulher são tipificados como feminicídio ou não. Essas são razões pelas quais as estatísticas não representam a verdadeira grandeza dos casos de feminicídio no Brasil. Eu sempre me perguntei por que as mulheres são minoria no Magistrado brasileiro! Segundo uma pesquisa do Conselho Nacional de Justiça, realizada em 2013, 64,1% do Magistrado é composto por homens, a mulher, ocupa apenas 35,9%. Segundo a pesquisadora, Doutora Maria Tereza Sadek, do Centro Edelstein de Pesquisa Social, na carreira de Delegado de Polícia, não é tão diferente, a Bahia detém o maior percentual de Delegadas 49%, mas no Estado do Paraná, esse percentual de Delegadas é de apenas 11%. Essa realidade tão discrepante revela a maioria esmagadora de homens decidindo os destinos de processos em que as mulheres são vítimas.

## X. O Terreiro Caxuté e a Pedagogia de Terreiro

Na cidade de Valença, conheci a Mãe Bárbara de Cajaíba, em 2007, ela se tornou minha aluna, no turno noturno do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, esse encontro foi divinal, teve a força de uma ancestralidade identitária, tornei-me frequentador assíduo do Terreiro Caxuté, localizado na Estrada da Graciosa, Km 11 da BA 001, Distrito de Cajaíba, Valença – Bahia.

O Terreiro Caxuté se tornou o meu Nzo (*casa*), o meu refúgio e conforto espiritual. No Terreiro Bantu/Indígena, em uma cerimônia linda, fui confirmado filho de N’Zazi (*para os Yorubas, Xangô*). O meu trabalho no Caxuté se tornou a expansão do processo de resistência pela religiosidade e pela educação. No Caxuté, fui iniciado e nasci para uma vida nova, recebi o nome de Magonleji e o cargo de Taata Kabondu, um cuidador das NKisis<sup>2</sup>. Ser Taata é ser pai, assumir responsabilidades efetivas com o Terreiro, dedicar tempo para cumprir a ritualística da iniciação, orientar os filhos para a justiça e a educação voltada para diversidade, o respeito às tradições Bantu/Indígena e o olhar atento para as culturas tradicionais dos povos negros de terreiro. O Terreiro é lugar epistêmico, o terreiro produz conhecimento e as pessoas de cada terreiro sabem que para a pedagogia se tornar transgressora, ela precisa mudar a base teórica epistêmica, buscar novas referências bibliográficas, desvincular a nossa história da origem única de saberes eurocêntricos.

Figura 4



O Terreiro Caxuté – Crédito: Almir Bimdilate – Heráclito Barbosa, Acervo do Terreiro Caxuté, Primeiro Museu Afro-indígena da Costa do Dendê.

O produto final do nosso Mestrado no PPGER é um vídeo documentário que nasceu dos encontros dialógicos com a comunidade Caxuté. A oralidade ganhou vida em imagens que nos remetem ao cerne transgressor da Pedagogia de Terreiro e a sua luta por direitos, destacando o espaço cênico, as tradições, os sabores, os saberes e as pessoas que falam do seu lugar de ancestralidade Banto/indígena.

A minha dedicação ao estudo e a pesquisa da episteme Bantu/Ameríndia da Pedagogia de Terreiro na Luta por Direitos, na escola não formal Caxuté, é uma pesquisa-coletiva contra hegemônica na pós-colonialidade, é um processo de resistência da educação e da religiosidade de matriz africana.

O nosso Terreiro abriga a primeira escola de matriz africana do Baixo Sul, reconhecida pela Fundação Palmares e pelo IPHAN e o primeiro Museu Afroindígena da Costa do Dendê, o que aumenta a minha responsabilidade acadêmica e social com o desenvolvimento de uma educação transformadora que possa quebrar o vínculo da educação formal subalternizadora dos povos pretos.

A oralidade é o centro transmissor da ancestralidade como processo pedagógico, a pluralidade religiosa opera a partir das identidades dos sujeitos e a escola ganha a dimensão de práticas sagradas nas vivências do Terreiro, que definem o uso de metodologias dialógicas, como as Pretagogias, Pedagogingas e Pedagogiras. Para um Taata, membro da comunidade Caxuté, fortalecer a luta por direitos através das giras de saberes é fundamental para a consolidação da Lei 10.639/03, o que contribui com a criação de políticas afirmativas na educação não formal através do ensino e do respeito às tradições do candomblé.

As Pretagogias são pedagogias dos povos pretos que nos ensinam a importância de reivindicar direitos, reconhecer a nossa ancestralidade como patrimônio imaterial, definir nas nossas práticas o respeito permanente a natureza, cultivar os nossos caboclos e encantados, reverenciar as nossas matas, preservar as nossas águas e compreender a importância das nossas Insabas (folhas sagradas) no preparo de banhos e sacurupembas.

A ancestralidade bantu nos traz toda a grandeza e consciência da força que temos no ajuntamento de pessoas, na preservação de uma cultura negra e no domínio da ciência. Pretos e pretas fazem parte da história da criação humana, por isso, todo esse legado é transmitido na própria ancestralidade.

Figura 5



Formatura no Caxuté. Créditos Heráclito Barbosa, 2017.

Ser negro ou negra dentro de uma sociedade racista é ter a capacidade de reinventar a própria vida pela sobrevivência, para tanto, laçamos mão do conhecimento recebido dos nossos antepassados. Através da oralidade potencializamos os saberes milenar dos povos de África, compreendendo que cada ensinamento se constitui em resistência e, repito, sobrevivência.

Ninguém vai contar a nossa história, senão, nós mesmos. Através da Pretagogia, produzimos uma episteme que nasce fora da academia, mas traz consigo o desejo de perpetuar os nossos costumes, a nossa cultura, formar novas gerações e expandir os nossos espaços de atuação.

É pela Pretagogia que adentramos as universidades, produzimos conhecimentos e enfrentamos os opressores dos povos pretos. Dentro do nosso Nzo aprendemos lições de respeito a diversidade pela prática cotidiana, isso é Pretagogia em sua definição íntima de luta.

Na construção das Pretagogias, homens, mulheres, jovens e crianças, compreendem a necessidade de trilharem caminhos opostos a Pedagogia Tradicional, que reserva lugares de subalternidade e invisibilidade para pretas e pretos, reforçando os preconceitos e negligenciando as produções científicas de autores e autoras negros e negras.

O lugar da invisibilidade é construído, na educação básica, de forma quase imperceptível para crianças, jovens e adolescentes que frequentam a escola pública brasileira. A ausência de referenciais negros nos livros didáticos, a falta de autoras negras e autores negros nas indicações de paradidáticos, as festas escolares que elegem rainhas do milho brancas, apresentam cartazes de mulheres brancas representando as mães, nos dias de festividades dedicadas a elas, tudo isso serve para afastar da juventude a esperança de sucesso e o auto reconhecimento de positividade. No livro *Racismo e Sociedade*, Carlos Moore nos lembra que:

“As grandes mudanças sociais representam momentos de parto para uma nação que, constantemente, deve fazer uma escolha entre os gritos do recém-nascido e os alaridos daqueles que sempre fizeram tudo para impedir a nascença ou a renascença social.” (MOORE, Carlos, *Racismo & Sociedade*, p. 24, 2007)

O reforço da invisibilidade é construído na ação midiática, esse é um direcionamento perverso onde a branquitude se constitui em processo aniquilador de uma cultura para tornar-se garantia e manutenção de privilégios sociais. Para Kabengele Munanga (*Soba (rei) do Terreiro Caxuté*) e Nilma Lino Gomes, na obra *O negro no*

*Brasil de hoje*, não entenderemos a nossa história sem conhecer as nossas matrizes culturais.

A Pretagogia, dentro da Pedagogia de Terreiro, é, e pretende continuar sendo, a aplicação de uma educação antirracista, capaz de revisar a nossa história e as nossas matrizes culturais africanas, pelo uso da culinária negra com os seus modos e costumes tradicionais de manipular os alimentos, revisando a oralidade das receitas, dando sabor aos saberes da ancestralidade negra para enfatizar o poder da leitura e da escrita em seus princípios formadores nas relações étnicoraciais, não, apenas, para ingressar no novo conceito de transmodernidade apresentado por Ramon Grosfoguel, na sua obra *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*, mas, acima de tudo, para fortalecer e divulgar a episteme Bantu/indígena produzida no Terreiro Caxuté.

As Giras de Saberes são os nossos encontros intergeracionais, que nos permitem as trocas, partilhas e aprendizagens significativas com o ensino não formal, precedido pela oralidade Bantu/indígena, onde a convivência gera o respeito às ideias e ao conhecimento, seja da criança, do jovem ou do idoso.

Entrelaçar gerações pela oralidade é definir trajetórias complementares de vida, esse é o grande mote do Nzo Caxuté, regido por Nlemba e Kitembo. Dirigido pelo Caboclo Rei das Neves, o nosso guia espiritual da força e da coragem.

O Caxuté se transformou em uma referência para muitos pesquisadores, essa elevação do Nzo como objeto de estudo nos orgulha e nos preocupa, porque muitas vezes faltam devolutivas comunitárias. Não desejamos ser apenas objeto, precisamos fazer parte da fala de transformações sociais e políticas educacionais, precisamos ser ouvidos como donos das nossas próprias falas e saberes, não queremos que ninguém fale por nós.

Compreender direitos a partir do lugar de fala de cada sujeito é um processo novo nas garantias de preservação identitária e cultural de todos os atores que compõem o Caxuté. O nosso posicionamento não é de afastamento da academia, mas é, antes de tudo, a cobrança do respeito e da visibilidade das pessoas que formam o terreiro e a sua história. Por essa razão, o produto final dessa pesquisa-ação é a produção de um vídeo-documentário, que destaca nas falas das atrizes e dos atores o grande referencial da visibilidade conceitual de ensino, de cultura, de relações étnico-raciais, o que agiganta a luta por direitos constitucionais, de uma comunidade viva dentro do candomblé.

No Caxuté, os exemplos de avanços em pesquisas são amplos, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, temos no nosso Nzo uma Doutora, um Doutorando, um Mestre,

dois Mestrandos e alguns especialistas, todos na área de educação. Aos poucos, estamos adentrando a Academia, levando a nossa episteme Bantu/Indígena, o nosso legado ancestral.

Para o nosso Taata Luangomina, “ao nos conectarmos às raízes da Gameleira giramos saberes e fazeres acerca do pensamento Bantu Indígena no século XXI: memória biocultural, ancestralidade, identidade, território e resistência. Durante os dias de atividades, sentimos, construímos e compartilhamos nguzu<sup>3</sup> por meio do giro de sabedorias milenares preservadas com muita luta pelos povos negros e vermelhos que resistiram e resistem corajosamente aos tiranos que tentam usurpar o nosso território.”

O Taata Luangomina, uma das nossas lideranças religiosas no Caxuté, considera que a inauguração do primeiro Museu da Costa do Dendê de Cultura Afro Indígena na comunidade, que marcou o início das atividades da nossa Kizomba Maionga (*Banho Sagrado*), no ano de 2017, trouxe mais uma vez para o cerne das nossas giras de saberes, a relevância de salvaguardar a memória dos nossos ancestrais, não apenas como a criação de uma fonte histórica, mas sim como a construção de um importante instrumento de resistência das comunidades tradicionais da Costa do Dendê e do Baixo Sul da Bahia, pois as comunidades ainda lutam contra os processos insistentes que desejam apagar os nossos saberes e fazeres. Da mesma forma que tentaram nos enfraquecer e desorganizar as nossas resistências no período da colonização do Brasil, conforme cita a Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out. 2011:

O processo de pulverização das distintas matrizes africanas nas extensões do território colonial tinha, também, como estratégia, dificultar a organização, extinguir a língua de origem e impossibilitar a continuidade das culturas, ou seja, foram criados dispositivos reais para que as populações oriundas da África perdessem as suas referências identitárias e, por conseguinte, houvesse uma diluição da identidade étnica africana no Brasil.

Para mim, ser filho do Caxuté, é uma oportunidade de me conectar aos saberes da minha ancestralidade e compreender que posso fortalecer a luta por direitos de uma coletividade tradicional através do ensino e de um mergulho na pesquisa acadêmica permitida pelo olhar atento do PPGER, na UFSB, que com a sua visão libertária, elimina algumas barreiras da burocracia e se lança como uma universidade transgressora, dando aos povos de terreiro, aos LGBTQI+, a pretas e pretos oprimidas, o direito de resposta não convencional, o direito de se tornarem mestres e mestras e, acima de tudo, a oportunidade de adentrarem a academia sem perder os seus lugares de fala. É para isso que serve esse PPGER, para eu saber, que além de avançar e fazer jus a um título

acadêmico, eu me torne mais um guerreiro dessa luta significativa por justiça e igualdade na diversidade, que eu transforme a minha voz e ações em amplificadores de conquistas, que eu não queira seguir sozinho, me distanciando do sofrimento de mulheres pretas, de gays, de trans e de pobres invisibilizados por essa sociedade hipócrita. Tudo só terá sentido se a oportunidade recebida for transformada em força coletiva.

Figura 6



Formatura na Escola Caxuté, coletivo de estudos, 2017. Crédito: Heráclito Barbosa – Taata Luangomina do Caxuté.

<sup>1</sup> Egum, espírito de morto iniciado ou não no Candomblé.

<sup>2</sup> Nkisis, divindades da nação Angola/Bantu.

<sup>3</sup> Nguzu, energia.

## **XI. Considerações finais**

Pertencer ao mundo afro do candomblé implica muitas responsabilidades com o meu ser pessoal na individualidade e na coletividade, com a minha ancestralidade, com o meu trabalho na educação e na cultura, com a minha forma de ensinar e ajudar outras pessoas a conquistarem direitos.

Em alguns aspectos a Pedagogia de Terreiro é muito parecida com a Pedagogia do PPGER porque é na relação dialógica que nos entendemos capazes, respeitados nas diferenças. Ao construir um mestrado em Ensino e Relações Étnico-raciais, provavelmente, a própria UFSB, não tinha a exata noção de que estaria criando uma bomba de oportunidades às pessoas que representam a diversidade no seu dia a dia. Que essa bomba é a consolidação de um grande vulcão social, entrando em erupção, não para convulsionar a sociedade, nem paralisá-la, mas, possivelmente, para ampliar e transformar o campo de ação de mestres e mestras, que são as novas larvas escorrendo ligeira, no atravessar de rios, cordilheiras sociais, vales de sofrimentos, no seu poder solidificador de igualdades, se não consolidadas, mas inspiradoras de justiça e de coletividade. Porque, segundo Candau:

A memória forte é aquela estruturante de identidade, capaz de organizar sentido. Já a debilidade da memória se deve à gradativa transformação dos grupos e diluição de seus quadros sociais de memória. (CANDAU, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.)

Assim, escrever sobre a Pedagogia de Terreiro aplicada na Escola Caxuté, na luta por direitos, é reescrever a nossa história, não mais contada pelos livros didáticos oficiais, mas dita, falada, escrita, com força de memória estruturante soprada pela força de Kitembo, das Jinkisis que rompem os lacres de todas as mordanças que nos silenciaram por séculos, mas agora, explodem em gritos de liberdade cênica, em poder de ocupação de todos os espaços, da academia e a sua nova cor preta, de gente.

## **XII. REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_**ANJOS**, R.S.A. Cartografia da diáspora: África Brasil. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out. 2011.

\_\_\_\_\_**BARTH**, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1997.

**BENTO**, Maria Aparecida Silva, Psicologia Social do Racismo, Estudos sobre Branquitude. Editora Vozes Ltda, Rio de Janeiro-RJ. 2012.

**BRASIL**. Decreto nº. 5.051 de 19 de abril de 2004 que promulga a Convenção nº. 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm)>.

**CANDAU**, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

**CASTELLS**, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

**GROSGOUEL**, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **SANTOS**, Boaventura de Souza; Menezes, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra, Portugal: Cortez, 2010.

**HALL**, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

**MOORE**, Carlos, Racismo & Sociedade; Mazza Edições, Belo Horizonte – MG. 2007.

**MUNANGA**, Kabengele; **GOMES**, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006. p. 223.